

nhecendo Margaret Mead*, que se tornaria sua mulher.

Inicialmente especialista em análise dos rituais e das relações entre homens e mulheres, Bateson voltou-se depois para o estudo da loucura* e instalou-se na Califórnia, no Veteran's Hospital de Palo Alto, onde se dedicou ao tratamento e à observação de famílias de esquizofrênicos, o que fez dele um pioneiro da antipsiquiatria* e da terapia familiar*. Na perspectiva da Escola de Palo Alto, explicava que a esquizofrenia* era o resultado de uma disfunção fundada sobre o que ele chamava de *double bind* (duplo vínculo*). Essa expressão teve sucesso e foi retomada depois por todos os clínicos da esquizofrenia.

• Gregory Bateson, *La Cérémonie du naven* (Cambridge, 1936), Paris, Minuit, 1971; *Vers une écologie de l'esprit*, 2 vols. (N. York, 1972), Paris, Seuil, 1977, 1980; *Perceval le fou. Autobiographie d'un schizophrène* (Londres, 1962), Paris, Payot, 1975.

➤ CULTURALISMO.

Baudouin, Charles (1893-1963)

psicanalista suíço

Nascido em Nancy, Charles Baudouin estudou letras e depois foi para Genebra em 1915, atraído pelo desenvolvimento do Instituto Jean-Jacques Rousseau. Foi lá que descobriu a psicanálise*. Formado por Carl Picht, junguiano, e por Charles Odier*, sofreu em 1920 um processo por exercício ilegal da medicina, depois de ter dado “cursos” de iniciação à sugestão*. Henri Flournoy* se opôs à sua candidatura à Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Autor de cerca de trinta obras e artigos de inspiração psicobiográfica, fundou as Éditions du Mont-Blanc, que publicaram as obras de alguns psicanalistas da primeira geração francesa. Criou, em 1924, um instituto internacional de “psicagogia” e procurou conciliar a prática da psicanálise com a da “sugestão” e do método de Émile Coué (1857-1926), este adepto de uma psicoterapia* baseada no auto-controle pela vontade e pela auto-sugestão. Baudouin sempre quis ficar próximo, ao mesmo tempo, das teorias freudianas e das de Pierre Janet* e de Carl Gustav Jung*.

• Charles Baudouin, *Psychologie de la suggestion et de l'auto-suggestion*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé 1924; *Psychanalyse de Victor Hugo* (Genebra, 1943), Paris, Armand Colin, 1972; *L'Oeuvre de Jung*, Paris, Payot, 1963 • Mireille Cifali “De quelques remous helvétiques autour de l'analyse profane”, *Revue Internationale d'Histoire de la Psychanalyse*, 3, 1990, Paris, PUF, 145-57.

➤ ANÁLISE LEIGA; QUESTÃO DA ANÁLISE LEIGA, A.

Bauer, Ida, sobrenome de casada Adler (1882-1945), caso Dora

Primeiro grande tratamento psicanalítico realizado por Sigmund Freud*, anterior aos do Homem dos Ratos (Ernst Lanzer*) e do Homem dos Lobos (Serguei Constantinovitch Pankejeff*), a história de Dora, redigida em dezembro de 1900 e janeiro de 1901 e publicada quatro anos depois, desenrolou-se entre a redação de *A interpretação dos sonhos** e a dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Originalmente, Freud queria dar a esse “Fragmento da análise de um caso de histeria” o título de “Sonho* e histeria*”. Através desse caso, ele procurou provar a validade de suas teses sobre a neurose* histérica — etiologia sexual, conflito psíquico, hereditariedade sífilítica — e expor a natureza do tratamento psicanalítico, muito diferente da catarse* e da hipnose*, e já então fundamentado na interpretação* do sonho e na associação livre*.

Ao longo dos anos, o texto adquiriu um estatuto particular: trata-se, com efeito, do documento clínico que mais se comentou, desde sua publicação. Dezenas de artigos, vários livros, um romance e uma peça teatral foram criados a propósito de Dora, e o caso dessa jovem tornou-se o objeto privilegiado dos estudos feministas. Aliás, muitas vezes foi aproximado do caso de Bertha Pappenheim*. A maioria dos comentadores observou que esse tratamento não foi tão “bem-sucedido” quanto os outros dois. De fato, Freud teve muitas dificuldades com sua paciente, e não as mascarou. Como observou Patrick Mahoney a propósito de Ernst Lanzer, “Quando comparamos as contratransferências* de Freud com seus principais pacientes, temos a sensação de que ele simpatizava mais com o Homem dos Ratos do que com Dora ou com o Homem dos Lobos. Se

Freud foi um procurador com Dora, foi um educador amistoso com Lanzer.”

Para a publicação desse primeiro tratamento exclusivamente psicanalítico, conduzido com uma mocinha virgem de 18 anos de idade, Freud tomou precauções inauditas. Na época, de fato, a cruzada que se travava contra o freudismo* consistia em fazer com que a psicanálise* passasse por uma doutrina pansexualista, que tinha por objetivo fazer os pacientes (sobretudo as mulheres) confessarem, por meio da sugestão*, “sujeiras” sexuais inventadas pelos próprios psicanalistas. Na Grã-Bretanha* e no Canadá*, por exemplo, Ernest Jones* suportaria o peso de acusações dessa ordem.

Logo em sua introdução, portanto, Freud resolveu responder de antemão a esse tipo de objeção, mostrando que sua teoria não era uma trama diabólica, destinada a perverter mocinhas e mulheres: “Pode-se falar de toda sorte de questões sexuais com moças e mulheres, sem lhes causar nenhum prejuízo e sem acarretar suspeitas sobre si mesmo, desde que, em primeiro lugar, se adote uma certa maneira de fazê-lo e, em segundo, se desperte nelas a convicção de que isso é inevitável (...). A melhor maneira de falar dessas coisas é sendo seco e direto; e ela é, ao mesmo tempo, a que mais se afasta da lascívia com que esses assuntos são tratados na ‘sociedade’, lascívia esta com que as moças e mulheres estão plenamente habituadas. Dou aos órgãos e aos fenômenos seus nomes técnicos e comunico esses nomes, na eventualidade de eles serem desconhecidos.” E acrescentou em francês: “*J’appelle un chat un chat.*”

A história de Ida Bauer é a de um drama burguês, tal como encontrado nas comédias ligeiras do fim do século XIX: um marido fraco e hipócrita engana sua mulher, uma dona de casa ignorante, com a esposa de um de seus amigos, conhecida numa temporada de férias em Merano. A princípio enciumado, depois indiferente, o marido enganado tenta, de início, seduzir a governanta de seus filhos. Depois, apaixona-se pela filha de seu rival e a corteja durante uma temporada em sua casa de campo, situada às margens do lago de Garda. HorrORIZADA, esta o rejeita, pespega-lhe uma bofetada e conta a cena a sua mãe, para que ela fale

do assunto com seu pai. Este interroga o marido da amante, que nega categoricamente os fatos pelos quais é recriminado. Preocupado em proteger seu romance extraconjugal, o pai culpado faz com que a filha passe por mentirosa e a encaminha para tratamento com um médico que, alguns anos antes, prescrevera-lhe um excelente tratamento contra a sífilis.

A entrada de Freud em cena transforma essa história de família numa verdadeira tragédia do sexo, do amor e da doença. Sob esse aspecto, sua narrativa do caso Dora assemelha-se a um romance moderno: hesitamos entre Arthur Schnitzler*, Marcel Proust (1871-1922) e Henrik Ibsen (1828-1906). Com efeito, o drama inteiro gira em torno da introspecção através da qual a heroína (Ida) mergulha, progressivamente, nas profundezas de uma subjetividade que se oculta de sua consciência. E a força da narrativa prende-se ao fato de que Freud faz surgir uma impressionante patologia por trás das aparências de uma grande normalidade. Com isso ele pode restituir a Dora uma verdade que sua família lhe roubara, ao chamá-la de simuladora.

Nascida em Viena*, numa família da burguesia judaica abastada, Ida era a filha caçula de Philipp Bauer (1853-1913) e Katharina Gerber-Bauer (1862-1912). Acometido por uma afecção sífilítica antes do casamento, Phillip só enxergava de um olho desde que ela nasceria. Freud o descreveu como um homem ativo e muito talentoso: “A personalidade dominante era o pai”, escreveu, “tanto por sua inteligência e suas qualidades de caráter quanto pelas circunstâncias de sua vida, que condicionaram a trama da história patológica e infantil de minha cliente.” Grande industrial, ele desfrutava de uma bela situação financeira e era admirado pela filha. Em 1888, contraiu tuberculose, o que o obrigou a se instalar com toda a família longe da cidade. Assim, optou por residir em Merano, no Tirol, onde travou conhecimento com Hans Zellenka (Sr. K.), um negociante menos abastado que ele, casado com uma bela italiana, Giuseppina ou Peppina (Sra. K.), que sofria de distúrbios histéricos e era uma assídua frequentadora de sanatórios. Peppina tornou-se amante de Phillip e cuidou dele em 1892, quando ele sofreu um descolamento da retina.

Nessa época, havendo retornado a Viena, Phillip instalou-se na mesma rua que Freud e foi consultá-lo (como médico) por conta de um acesso de paralisia e confusão mental de origem sífilítica. Satisfeito com o tratamento, encaminhou-lhe sua irmã, Malvine Friedmann (1855-1899). Afetada por uma neurose grave e imersa na infelicidade de uma vida conjugal atormentada, ela morreu pouco depois, vítima de uma caquexia de evolução rápida.

Katharina, a mãe de Ida, provinha, como o marido, de uma família judia originária da Boêmia. Pouco instruída e bastante simplória, sofria de dores abdominais permanentes, que seriam herdadas pela filha. Nunca se interessara pelos filhos e, desde a doença do marido e da desunião que se seguira a ela, exibia todos os sinais de uma “psicose doméstica”: “Sem mostrar nenhuma compreensão pelas aspirações dos filhos, ela se ocupava o dia inteiro”, escreveu Freud, “em limpar e arrumar a casa, os móveis e os utensílios domésticos, a tal ponto que usá-los e usufruir deles tinha-se tornado quase impossível (...). Fazia anos que as relações entre mãe e filha eram pouco afetuosas. A filha não dava a menor atenção à mãe, fazia-lhe duras críticas e escapara por completo de sua influência.” E era uma governanta quem cuidava de Ida. Mulher moderna e “liberada”, esta lia livros sobre a vida sexual e dava informações sobre eles à sua aluna, em segredo. Abriu-lhe os olhos para o romance do pai com Peppina. Entretanto, depois de tê-la amado e de lhe ter dado ouvidos, Dora se desentendera com ela.

Quanto ao irmão, Otto Bauer (1881-1938), ele pensava sobretudo em fugir das brigas familiares. Quando tinha que tomar algum partido, alinhava-se do lado da mãe: “Assim, a costureira atração sexual havia aproximado pai e filha, de um lado, e mãe e filho, do outro.” Aos 9 anos de idade, ele se tornara um menino prodígio, a ponto de escrever um drama em cinco atos sobre o fim de Napoleão. Depois, rebelara-se contra as opiniões políticas do pai, cujo adultério aprovava, por outro lado. Tal como o pai, Otto levou uma vida dupla, marcada pelo segredo e pela ambivalência. Casou-se com uma mulher dez anos mais velha, já mãe de três filhos, mantendo ao mesmo tempo um romance prolongado com Hilda Schiller-Mar-

morek, dez anos mais moça que ele, e que seria sua amante até sua morte. Secretário do Partido Social-Democrata de 1907 a 1914 e, depois, assessor de Viktor Adler no ministério de Assuntos Exteriores em 1918, viria a ser uma das grandes figuras da intelectualidade austríaca no entre-guerras. No entanto, apesar de seu talento excepcional, nunca se refez do desmoronamento do Império Austro-Húngaro e despendeu mais energia atacando Lenin do que combatendo Hitler: “Essa ingenuidade”, escreveu William Johnston, “ainda era uma herança do Império de antes da guerra, no qual a tradição protegia os dissidentes. Bauer insistiu, até 1934, em fazer cruzadas típicas do pré-guerra contra a Igreja e a aristocracia, num momento em que, justamente, deveria ter-se associado a seus inimigos de outrora para repelir o fascismo. Poucas cegueiras tiveram conseqüências tão pesadas.”

Portanto, foi em outubro de 1901 que Ida Bauer visitou Freud para dar início a esse tratamento, que duraria exatamente onze semanas. Afetada por diversos distúrbios nervosos — enxaquecas, tosse convulsiva, afonia, depressão, tendências suicidas —, ela acabara de sofrer uma terrível afronta.

Consciente, desde longa data, do “erro” paterno e da mentira em que se apoiava a vida familiar, ela havia rejeitado as propostas amorosas que Hans Zellenka (Sr. K.) lhe fizera à margem do lago de Garda e o esbofeteara. E então tinha eclodido o drama: ela fora acusada por Hans e por seu pai de ter inventado a cena de sedução. Pior ainda, fora reprovada por Peppina Zellenka (Sra. K.), que suspeitava que ela lesse livros pornográficos, em particular *A fisiologia do amor*, de Paolo Mantegazza (1831-1901), publicado em 1872 e traduzido para o alemão cinco anos depois. O autor era um sexólogo darwinista, profusamente citado por Richard von Krafft-Ebing* e especializado na descrição “etnológica” das grandes práticas sexuais humanas: lesbianismo, onanismo, masturbação, inversão, felação etc. Ao encaminhar sua filha a Freud, Philipp Bauer esperava que este lhe desse razão e que tratasse de pôr fim às fantasias* sexuais da moça.

Longe de subscrever à vontade paterna, Freud enveredou por um caminho totalmente

diverso. Em onze semanas e através de dois sonhos — um referente a um incêndio na residência da família e outro à morte do pai —, ele reconstituiu a verdade inconsciente desse drama. O primeiro sonho revelou que Dora era dada à masturbação e que, na realidade, estava enamorada de Hans Zellenka. Por isso havia pedido ao pai que a protegesse da tentação desse amor. Quanto ao segundo, ele permitiu ir ainda mais longe na investigação da “geografia sexual” de Dora e, em especial, trazer à luz seu perfeito conhecimento da vida sexual dos adultos.

Freud se deu conta de que a paciente não suportou a revelação de seu desejo pelo homem a quem havia esbofetado. Por isso, deixou-a partir quando ela resolveu interromper o tratamento. Como agir de outro modo? O pai, de início favorável à análise, logo percebeu que Freud não havia aceitado a tese da fabulação. Por conseguinte, desinteressou-se do tratamento da filha. Por seu lado, esta não encontrara em Freud a sedução que esperava dele: ele não fora compassivo e não soubera empregar com ela uma relação transferencial positiva. Nessa época, com efeito, ele ainda não sabia manejar a transferência* na análise. Do mesmo modo, como sublinharia em uma nota de 1923, foi incapaz de compreender a natureza da ligação homossexual que unia Ida (Dora) a Peppina. No entanto, fora a própria Sra. K. que fizera a moça ler o livro proibido, para depois acusá-la. E fora também ela quem lhe havia falado de coisas sexuais.

Esse tema da homossexualidade* inerente à histeria feminina seria longamente comentado por Jacques Lacan* em 1951, enquanto outros autores fariam questão de demonstrar ora que Freud nada entendia de sexualidade feminina*, ora que Dora era inanalísável.

Ida Bauer nunca se curou de seu horror aos homens. Mas seus sintomas se aplacaram. Após sua curta análise, ela pôde vingar-se da humilhação sofrida, fazendo a Sra. K. confessar o romance com seu pai e levando o Sr. K. a confessar a cena do lago. Transmitiu então a verdade ao pai e, depois disso, suspendeu qualquer relacionamento com o casal. Em 1903, casou-se com Ernst Adler, um compositor que trabalhava na fábrica de seu pai. Dois anos mais

tarde, deu à luz um filho, que posteriormente faria carreira musical nos Estados Unidos*.

Em 1923, sujeita a novos distúrbios — vertigens, zumbidos no ouvido, insônia, enxaquecas —, por acaso chamou à sua cabeceira Felix Deutsch*. Contou-lhe toda a sua história, falou do egoísmo dos homens, de suas frustrações e de sua frigidez. Ouvindo suas queixas, Deutsch reconheceu o famoso caso Dora: “Desse momento em diante, ela esqueceu a doença e manifestou um imenso orgulho por ter sido objeto de um texto tão célebre na literatura psiquiátrica.” Então, discutiu as interpretações de seus dois sonhos feitas por Freud. Quando Deutsch tornou a vê-la, os ataques tinham passado.

Em 1955, havendo emigrado para os Estados Unidos, Deutsch teve notícia da morte de Dora, ocorrida dez anos antes. Através de Ernest Jones*, ficou sabendo que ela havia morrido em Nova York, e, através de um colega, soube como se haviam desenrolado seus últimos anos de vida. Dora tinha voltado contra o próprio corpo a obsessão de sua mãe: “Sua constipação, vivida como uma impossibilidade de ‘limpar os intestinos’, causou-lhe problemas até o fim da vida. Entretanto, habituada a esses distúrbios, ela os tratou como um sintoma conhecido, até o momento em que eles se revelaram mais graves do que uma simples conversão. Sua morte — de um câncer de cólon, diagnosticado tarde demais para que uma operação pudesse ter êxito — veio como uma bênção para seus parentes. Ela fora, nas palavras de meu informante, uma das ‘histéricas mais repulsivas’ que ele já havia conhecido.”

- Sigmund Freud, “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905), *ESB*, VII, 5-128; *GW*, V, 163-286; *SE*, VII, 1-122; in *Cinq psychanalyses*, Paris, PUF, 1954, 1-91 • Felix Deutsch, “Apostille au ‘Fragment d’une analyse d’hystérie (Dora)’” (1957), *Revue Française de Psychanalyse*, XXXVII, janeiro-abril de 1973, 407-14 • Jacques Lacan, “Intervenção sobre a transferência” (1951), in *Escritos* (Paris, 1966), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, 214-28; O Seminário, livro 2, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)* (Paris, 1978), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985; O Seminário, livro 17, *O avesso da psicanálise (1969-1970)* (Paris, 1991), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992 • Henri F. Ellenberger, *Histoire de la découverte de l’inconscient* (N. York, Londres, 1970, Villeurbanne, 1974), Paris, Fayard, 1994 • Arnold Rogow, “A further footnote to Freud’s ‘Fragment of an analysis of a case of hysteria’”, in *Journal of the American Psychoanaly-*

tical Association, 26, 1978, 311-30 • Hélène Cixous, *Portrait de Dora*, Paris, Des femmes, 1986 • Charles Berheimer e Claire Kahane (orgs.), *In Dora's Case: Freud-Hysteria-Feminism*, N. York, Columbia University Press, 1985 • Harry Stroeken, *En analyse avec Freud* (1985), Paris, Payot, 1987 • William M. Johnston, *L'Esprit viennois. Une histoire intellectuelle et sociale, 1848-1938* (N. York, 1972), Paris, PUF, 1985 • Hannah S. Decker, *Freud, Dora and Vienna, 1900*, N. York, The Free Press, 1991 • Lisa Appignanesi e John Forrester, *Freud's Women*, N. York, Basic Books, 1992 • Jacqueline Rousseau-Dujardin, "L'Objet: comment le sujet s'y retrouve. Une lecture (entre autres) de Dora", in *Le Double*, Centre d'Arts Plastiques de Saint-Fons, 1995, 42-52 • Patrick J. Mahony, *Freud's Dora. A Psychoanalytic, Historical and Textual Study*, New Haven, Londres, Yale University Press, 1996.

➤ DIFERENÇA SEXUAL; ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA; SEDUÇÃO, TEORIA DA; SEXOLOGIA.

Beirnaert, Louis (1906-1985)

padre e psicanalista francês

Nascido em Ascq, Louis Beirnaert entrou para a Companhia de Jesus em 1923 e tornou-se professor de teologia dogmática. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da Resistência anti-nazista em uma rede gaullista. Orientou-se depois para a psicanálise e foi analisado por Daniel Lagache, antes de se tornar um dos íntimos companheiros de Jacques Lacan* e desempenhar um papel importante na história das relações entre a psicanálise e a Igreja* católica, notadamente a propósito da questão da detecção das vocações. Cronista da revista *Études*, redigiu vários textos importantes sobre a mística, e principalmente sobre Inácio de Loyola (1491-1556).

• Louis Beirnaert, *Aux frontières de l'acte analytique. La Bible, saint Ignace, Freud et Lacan*, Paris, Seuil, 1987.

➤ IGREJA.

Bélgica

A introdução da psicanálise* na Bélgica seguiu o mesmo movimento de todos os outros países da Europa*. Mas, dividido entre duas línguas, entre médicos e leigos (os não-médicos), perpassado pela história do nazismo* e pela renovação lacaniana, o movimento psicanalítico belga teve como característica nunca conseguir encontrar sua autonomia. Seu destino

permaneceu ligado ao da França*, e em parte aos dos Países Baixos*.

Desde os anos 1900, a polêmica a respeito do freudismo* se desenvolveu entre os neurologistas e os psiquiatras. A psicanálise era então considerada como um método de investigação útil em inquéritos judiciais e na detecção das simulações. Era confundida com o teste de associação verbal* de Carl Gustav Jung*. Principalmente, a prática freudiana não era distinguida de todas as outras formas de terapia. A primazia da sexualidade* foi qualificada de pansexualismo* pelo corpo médico, como em todos os outros países.

Depois da Primeira Guerra Mundial, Juliaan Varendonck* foi o verdadeiro pioneiro da psicanálise na Bélgica. Formado em Viena*, reconhecido por Sigmund Freud* e membro da Nederlandse Vereniging voor Psychoanalyse (NVP), instalou-se em Gand e trabalhou durante um breve período, antes de morrer sem deixar posteridade.

Foi necessário esperar o período entre as duas guerras para que alguns marginais e autodidatas fundassem verdadeiramente o movimento belga: Fernand Lechat*, Camille Lechat, sua esposa, e Maurice Dugautiez*. Usando o título de psiquistas, instituíram em 1920 um Círculo de Estudos Psíquicos, no qual se praticavam igualmente as ciências ocultas, o espiritismo*, a hipnose* e a psicanálise. Logo, Lechat e Dugautiez criaram a revista *Le Psychagogue*, fizeram contato com a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), criada em 1926, e se iniciaram na análise didática* com Ernst Paul Hoffmann*, vindo de Viena e refugiado na Bélgica de 1938 a 1940.

Desde essa época, surgiu o conflito em torno da análise leiga* (entre médicos e não-médicos), que marcaria o pós-guerra na Bélgica, mas que já atravessava o movimento internacional. Lechat e Dugautiez viram-se contestados como marginais e até “charlatões” por Jacques De Busscher, médico membro da NVP bastante favorável às teses freudianas. Ele próprio não praticava a psicanálise, mas lutava para que esta fosse reservada apenas aos médicos.

Paralelamente, os meios intelectuais se interessavam pelo pensamento freudiano. Assim, Hendrik (Henri) De Man (1885-1953), futuro